

A VOZ DO COMERCIO

QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS

IGIIS-PORTO

ASSINATURAS
(Pagamento trimestral adiantado)
CONTINENTE 6\$00
COLONIAS 13\$00
ESTRANGEIRO 28\$00
Numero avulso—3\$00
Redacção e Administração
R. Santa Catarina, 502—PORTO—(Portugal)

DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ANTONIO MARTINS DA FONSECA

EDITOR
ALBERTO FERNANDES LEAL

Toda a correspondência deve ser dirigida à Redacção.

OS ORIGINALS NÃO SE RESTITUEM.

Comp. e Imp. na Tipografia ARTES & LETRAS
Rua Fernandes Tomás, 915—PORTO

1.º ano

Pôrto, 15 de Novembro de 1929

N.º 22

ANTONIO RAMOS PINTO

O Porto nos meados do século XIX era ainda como que um burgo com largos vestígios medievais, que pouco a pouco se foi transformando na cidade comercial, cosmopolita e civilizada da época actual.

Cidade laboriosa de gloriosas tradições afirma-se dia a dia uma terra que deseja caminhar na senda do progresso, dignificando-se pelo trabalho e pelas virtudes cívicas de seus filhos.

O Porto de então tinha uma feição romantica e as ruellas medievais ainda existentes davam-lhe um aspecto curioso pelo cenário que tinha o que quer que fosse de saudoso, de melancólico.

O poeta tripeiro Soares de Passos espalhava a tristeza na cidade com as suas composições merencórias, entre ellas o Noivado do Sepulcro que teve grande voga, não havendo talvez ninguém que o não soubesse recitar ou cantar. Nas salas era tocado nos cravos e nas ruas em noites luarentas, pelas madrugadas frias, ao som plangente das bandurrias, lá se ouvia também.

O Noivado do Sepulcro cantado assim a deshoras pelas congostas desertas do velho burgo, acordava os pacíficos moradores quando os cantadores dobravam já uma esquina distante,

—Saudosa, ao longe, vês no céu a lua?

—Oh, vejo sim, recordação fatal!

—Foi á luz della que jurei ser tua

Durante a vida e na mansão final!

Havia ainda outros poetas da escola romantica que eram alegres mas não falavam tanto ao coração; tentavam espalhar a sua alegria por onde passavam quer nas reuniões familiares quer nos outeiros e abadessados que se realizavam nos pateos dos conventos.

Entre elles avultava Faustino Xavier de Novaes, o improvisador emérito das glosas atradas das grades conventuaes, o poeta chistoso que fazia versos duma singeleza notavel.

Este bardo, em certo dia de outeiro no Convento de Corpus Christi, em Gaya, em 1848, meteu-se com mais cinco vates num velho carroção (era o *automovel* da época!) e partiu com elles a caminho de Vila Nova. Chegados defronte do Convento descortinaram nas grades uns vultos que deviam ser noviças e desfechou-lhes esta decima:

Seis patuscos qual mais ratão,
A' custa do seu dinheiro,
Chegam agora ao Outeiro
Metidos num carroção.
O dono que é de feição,
Trouxe sempre os bois a trote,
Que sem darem um pinote
Aqui põem os vates prontos:
Portanto nada de contos.
Oh meninas, venha mote!



Antonio Ramos Pinto

Naqueles tempos tam cheios de simplicidade, como se está vendo, quasi não havia diversões, tirante o S. João na Lapa, no Bomfim e Cedofeita, as procissões e as romarias de Paranhos, Ramada Alta e Matosinhos. A Sociedade Filarmonica da rua da Fabrica dava concertos... uma vez por mez, no inverno. Na Assembleia Portuense, á rua do Almada, jogava-se o voltarete entre o pitadear dos parceiros e o cabecear sonolento das senhoras,

que se aventuravam a ir até lá.

A' falta de outros divertimentos, desforravam-se as familias nas reuniões a que chamavam *sécias* e convidavam o que havia de mais selecto na Sociedade fina do burgo para uma chicara de *agua morna*, designação substitutiva de uma esplendida chavena de chá, acompanhada com os doces mais finos feitos na cozinha da casa ou fornecidos por algum convento das proximidades. Os homens tomavam rapé e falavam da patuleia; as senhoras jogavam o loto e as meninas executavam ao cravo um motete da sua predileção ou a *Casta Diva* e a *Sombra de Nino*, cujos acordes dolentes enterneciam os seus corações sensíveis.

A's dez horas findava o serão; as damas punham os chales e outros agasalhos que os creados haviam traido juntamente com os guarda-chuvas de longos *ferroses* que acordavam os ecos das ruellas desertas ao baterem com elles nos lagedos!

Aos domingos, no verão, o Porto ia rio acima até o Areinho em grandes barcas com musicatas que faziam ouvir as melodias graciosas de Bellini e Dornizetti; e os que não iam no passeio fluvial reuniam-se no jardim de S. Lasaro ou na Alameda das Fontainhas aonde se davam *vendez-vous* as sécias e os peraltas que depois passaram a frequentar a Cordoaria e o Palacio.

Depois de 1850 as Assembleias multiplicaram-se e no Porto dançava-se delirantemente, multiplicando-se com as Assembleias os Manfredos e as Elviras...

O teatro lirico de S. João era outra preocupação dos portuenses janetas aonde acorriam depois de esperarem longo tempo no salão do cabeleireiro Pereira para frisarem a gaforina ou no alfaiate Moraes da rua de Santo Antonio para lhes acabar à pressa a casaca azul de botões amarelos, conforme o ultimo figurino.

Santa ingenuidade!

Foi nesta época e neste ambiente de encantada poesia e santa ingenuidade que o *homem-bom* do Porto que se chama Antonio Ramos Pinto viu a luz do dia.

E tanto ella influíu na sua grande alma de espartano, cheia de firmeza e outras virtudes nobilitantes que ainda hoje, e já lá vão tres quartos de século, elle sente-se possuido do mesmo fervor da juventu-

de e da mesma simplicidade encantadora que constitue uma das suas mais bellas características. Antonio Ramos Pinto, grande commerciante, seria grande em qualquer ramo do saber humano; dedicou-se ao commercio e fez uma carreira brilhantissima á custa duma persistente vontade e dum trabalho aturado, que marca como verdadeiro valor nacional. E' que Antonio Ramos Pinto sabe bem o sentido daquelle proverbio que as Geórgicas de Virgilio nos deram—*Labor omnia vincit improbus!*

Mas recuemos alguns lustros na vida deste illustre tripeiro que hoje honra as colunas de «A Voz do Comercio» e acompanhemo-lo desde os verdes anos, focando aqui e acolá alguns aspectos da sua vida modelar para exemplo dos que começam.

Depois de ter feito os seus estudos nos colégios então existentes na cidade invicta, entrou aos quinze anos para um escritorio inglez ahí por 1869, onde deu taes provas da sua capacidade que ascendeu aos lugares superiores em curto espaço de tempo chegando a guarda-livros dessa casa cujo chefe tinha por elle uma verdadeira estima. Fora das horas de serviço do escritorio estudava as linguas franceza, inglesa e alemã e ensinava escriptura commercial, mostrando sempre pelo trabalho inexcedível dedicação. Ascendeu ás altas culminancias que hoje occupa, mercê da sua grande dedicação ao trabalho.

Ao mesmo tempo que trabalhava, procurava os divertimentos da época e espalhava a alegria e a graça da sua juventude peréne.

Nos patriarcaes tempos de que nos estamos occupando, a Foz e Leça eram já praias bastante concorridas e os carroções puxados a bois que serviam para levar ao teatro de S. João em noites de opera as familias tripeiras, levava-as tambem na estação calmosa para a beira-mar onde passavam os meses de Agosto e Setembro. E' preciso dizer aqui que os *americanos* só iniciaram as suas carreiras, entre Porto e Foz, em 1871.

Era necessario passar o tempo. As reuniões familiares da cidade, transferiram-se para a Foz e alguns Clubs foram fundados. Um delles deu brado. Foi o Club Bay-Boden de que fizeram parte alem do nosso homenageado, alguns homens que desempenharam mais tarde elevados cargos na finança, no commercio, na magistratura, na carreira consular, etc. Que serões cheios de entusiasmo ahí se realisaram e como hoje os seus componentes que ainda vivem recordam com saudade esse club exótico!

Ficou memoravel e deu eco uma cavallhada carnavalesca—*a Entrada do Principe de Gerolstein*, no Porto, levada a effeito por um grupo de rapazes tripeiros, de que fizeram parte o nosso homenageado e o falecido Visconde de Vilarinho de S. Romão, e outros, que depois foram vultos importantes em varios ramos da actividade tripeira.

Desejavam, diziam elles, *animar* o Carnaval já decadente, e tam diferente do que foi em outras eras. Sobretudo o que desejavam era dar á cidade uma nota alegre, movimentando-a e enchendo-a de vivacidade que as suas mocidades radiosas espalhavam.

A Arte tambem teve em Antonio Ramos Pinto um cultor mimoso.

Por varias vezes entrou em récitas, declamatorias e liricas desempenhadas por amadores, fazendo varios papeis com brilho, segundo lemos num jornal antigo. E até o Sport o atrahiu porque foi aluno distincto do Ginásio Lauret que ha cerca de cinquenta anos existiu no Largo da Picaria, matriculando-se em ginastica e esgrima.

E enquanto a vida lhe corria assim entre cansirosa e divertida á maneira da época, ia-se preparando para mais largos empreendimentos, como vamos vêr.

Comerciante na verdadeira acepção do termo, culto, e residindo nele como qualidade inata aqelle *savoir faire* que o torna notavel em todas as manifestações da sua actividade, mercê sem duvida dum extranho fenómeno idiosincrásico, elle tem sempre triunfado na vida.

Como se sabe, foram os fenícios os paes do commercio, e o seu genio mercantil, a sua docilidade de tratamento, a sua habilidade para o negocio eram qualidades importantes que os impuseram á consideração dos outros povos do mundo antigo. Luciano, escriptor grego do segundo seculo, chamon-lhes «mercadores divinos». Antonio Ramos Pinto parece sêr descendente dos antigos fenícios! Como elles, que exportaram grandes quantidades de vinhos da Siria e Palestina, encontrando no Egipto um esplendido mercado, Ramos Pinto exporta tambem para o Egipto, e para todas as partes do mundo moderno, o vinho do Porto mandando com elle a sua fama e o nome de Portugal!

A videira que já era conhecida na Assiria como planta fruteira apenas, (o vinho que usavam era feito de palma!) serve entre nós para fabricar o delicioso nectar que tira o nome da nossa cidade natal e constitue uma das fontes mais importantes da nossa riqueza.

Como se viu acima, Antonio Ramos Pinto é um exportador de vinhos, mas dizer isto não basta. Torna-se necessario ampliar esta informação.

A sua casa commercial tem já cinquenta anos de existencia. Fundou-a em 1880 seu irmão Adriano, outro commerciante empreendedor e fecundo, que a morte impiedosa ha cerca de tres anos levou para o descanço eterno.

Pouco depois daquela data de 1880, foi juntar-se-lhe o nosso homenageado, provindo desta união fraterna de duas vontades de aço o progresso da firma Ramos Pinto conhecida em todo o mundo!

E' preciso dizer-se que naquele tempo a exportação de vinho em caixas era exigua porque a sua embalagem sem estética, desatraente, não se impunha, e dentro dela sabe Deus que producto sairia a barra do Douro. Os irmãos Ramos Pinto fizeram uma verdadeira transformação nos processos existentes para valorizar a exportação dos vinhos do Porto em caixas. Foi uma revolução autentica, claro sem caracter politico...

E tam bem se houveram que conseguiram, mediante, um aturado e proficuo esforço, introduzir os seus vinhos em toda a parte, principalmente na America do Sul.

Ha alguns anos uma revista inglesa, de Londres, escrevia, entre outras coisas, o seguinte:

«At this period of the trade, (1880) the shipment of Port Wine in bottles was in its infancy, but the Firm Ramos Pinto set out to establish a big market for their wines in South America and have succeeded to such an extent that they stand as one of the largest exporters of Port Wine to that country.

The Firm has now turned its attention to other markets and is to-day making a big effort to obtain a footing in England. Their stocks of wines, of which they are, justly proud, are among the most important held by any one firm in the Douro.»

Traduzindo, para poder sêr entendido por quem não conheça o idioma de Shakspeare:

«Neste periodo comercial (1880) o em-

barque de vinhos do Porto em garrafas estava na infancia mas a firma Ramos Pinto conseguiu estabelecer um grande mercado para os seus vinhos na America do Sul e foram tam bem succedidos que são hoje um dos maiores exportadores de vinho do Porto para aquele paiz.

A Firma voltou depois as suas atenções para outros mercados e hoje está fazendo um grande esforço para se introduzir na Inglaterra. Os seus stoks de vinhos de que podem justamente orgulhar-se, enfileiram entre os mais importantes que uma firma do Douro pode possuir.»

Os mercados foram aparecendo, embora tivessem de realisar uma propaganda gigantesca para tornar conhecidos os seus productos.

A firma Ramos Pinto teve para com o Brasil, uma gentilisa que causou sensação na grande patria de Alencar.

Foi a oferta feita á cidade do Rio de Janeiro de uma fonte monumental, toda construida em marmore de Carrara, inaugurada em 24 de Fevereiro de 1906. Mede 5,60 de altura, da base ao topo e pesa trinta e sete toneladas. Tem tres jactos e simbolisa a Fonte da Juventude. Custou cerca de cinquenta contos, o que daria hoje, atenta a desvalorisação da nossa moeda, mais de mil contos.

Antonio Ramos Pinto foi ao Rio fazer a entrega. O Prefeito ofereceu-lhe um banquete a que assistiram autoridades civis e militares e representantes da melhor sociedade carioca. Falaram diversos oradores vibrando a mesma harmonia de amizade internacional, disse um importante diário brasileiro.

Olavo Bilac por parte do Prefeito; o dr. Castro Barbosa, como membro do Conselho Municipal; Comendador Salgado, consul de Portugal, em nome do commercio e o Sr. Antonio Ramos Pinto, da Casa ofertante, saudando o Sr. Presidente da Republica.

São do formidavel discurso do grande Olavo Bilac, poeta e jornalista brasileiro, estas lindas palavras:

«Ha nisto, na oferta, uma grande demonstração de solidariedade moral e afectiva. Esta dádiva é um penhor da enterrecida e paternal felicidade, do vivo e justo orgulho com que o povo do velho Portugal acompanha o progresso, já agora inevitavel e seguro, da capital da Republica, onde perdura e brilha a gloria das tradições portuguezas, mantidas pelo culto do idioma que falou Camões e pelo culto da Bondade, da Coragem e do Amor da Paz e da Justiça que sempre distinguiram a raça de que somos filhos.»

E não ha-de sêr merecedor da nossa estima e da nossa admiração um tal português que no estrangeiro sabe assim honrar a pátria em que nasceu?

O municipio de Gaia deu a uma das suas principaes avenidas o nome de Ramos Pinto, no intuito de homenagear a memoria do fundador da firma commercial que usa esse nome, mas fe-lo de modo a estender o seu preito á familia Ramos Pinto em atenção ao que a firma tem feito em beneficio da economia nacional.

Na sua proposta, o vereador que a apresentou, escreveu:

«Soube impôr os seus productos nos meios commerciaes estrangeiros e intelligentemente cimentar o seu conhecimento intimo acerca das exigencias dos mercados mundiaes espalhando nas paragens mais longinquas em edições proprias, como brindes, valiosas obras entre as quaes os «Lusiadas», luxuosamente impressas, reunindo assim á propaganda do seu paiz elementos de instrutiva e patriótica leitura.»

Antonio Ramos Pinto fez parte da Camara Municipal da sua terra natal, o

SECCÃO TÉCNICA

ESTENOGRAFIA

VI

Os sistemas ingleses

Em primeiro logar o velho Pitman que os seus adeptos apresentam como o mais scientifico de todos os sistemas estenograficos. E' um sistema geometrico. Serve-se largamente do expediente da posição: ora se escreve na linha, ora acima, ora abaixo da linha. Tem varios sinais para representar o mesmo som, o que, parecendo á primeira vista que não, é um inconveniente tão grande, quasi, como ter um só sinal para representar varios sons. Se o segundo expediente causa confusão na leitura, o primeiro provoca hesitação na escrita, por ter de se escolher o sinal que mais convem empregar no momento.

Como no sistema francês de Prévot (entre os dois ha uma certa analogia, devido aos processos empregados) não tem sinais para vogais, as quais ele suprime no meio das palavras, e que só em casos especiais emprega no principio e fim. Para estes casos serve-se de pontinhos e minusculas linhas colocadas em varias posições (acima, abaixo ou na altura da linha de escrita). Usa, mais do que qualquer outro, do engrossamento dos sinais pois emprega-os logo de começo para os sons elementares. Exemplo: um T é isto: | . O mesmo sinal, engrossado, assim: | representa a consoante análoga D. Já sabemos o quanto indesejavel é este sistema dos engrossamentos.

Estas particularidades dão á grafia «pitmanica» um aspecto desarmonioso, irregular, planturoso, por isso nada atraente, e sem fluencia. A velocidade que este sistema, incontestavelmente, proporciona, é adquirida á custa de numerosas regras, com numerosas excepções, que o tornam pesado, difficil e moroso de aprender, e provocam, na pratica, uma tensão cerebral muito fatigante.

Os herdeiros do autor (Sir Isaac Pitman) teem-lhe posto varios remendos e introduzido varias coisas vistas noutros sistemas posteriores (algumas delas acrescentadas ainda em vida do autor, que as reprovo) e todos estes acrescentos e modificações ainda mais teem concorrido para aumentar a «massudê» deste indigesto sistema de estenografia, que de dia para dia está perdendo terreno, tendo já sido substituido pelo de Gregg no campeonato em lingua inglesa.

O sistema de Pitman tem, na America do Norte especialmente, varias imitações: o sistema Benn Pitman, o de Munson, etc., todos eles padecendo dos males do modelo.

O sistema Malone é escrito com a inclinação da caligrafia cursiva, mas não tão caligrafico como os sistemas alemães. E' bastante simples, por isso relativamente facil de estudar, mas serve-se ainda dos engrossamentos (posto que só para um som,—o de S—) servindo-se, tambem, da posição.

Vejamos agora o sistema de Gregg (John Robert Gregg) inglês, posto que muitos o suponham americano, por ter sido na America do Norte que ele alcançou a fama e popularidade de que gosa actualmente. Dos sistemas ingleses mais usados é o mais moderno. Como o sistema Malone, é escrito com a inclinação da escrita cursiva, mas difere do caligrafismo da escola alemã porque as formas de que se serve são ainda extrahidas de uma figura geometrica—a elipse. Não usa engrossamentos, não recorre ao expediente da posição nem abusa de regras fatigantes e complicadas. Sendo um sistema que tem o campeonato em lingua inglesa é, todavia, de uma simplicidade bastante notavel. O seu aspecto é elegante, atraente, muito corrente, denunciador, ao primeiro relance de vista, duma grande fluencia, para a qual largamente concorrem a inclinação sempre sobre o lado direito e a simplicidade das linhas elementares. A proporção de angulos dificeis e obstruentes (os angulos obtusos) é pequena, não sendo nula devido a que o sistema tem ainda qualquer coisa de geometrico, podendo considerar-se como um meio termo entre a caligrafia estenografica alemã e a geometria dos sistemas que se baseiam no circulo com seus diametros e raios.

Por todas as vantagens que oferece sobre os sistemas da lingua inglesa o sistema Gregg é o favorito na America do Norte; e na Inglaterra está prejudicando muito o negocio dos donos do sistema Pitman. O sistema de Gregg está adaptado ás principais linguas.

(Continua)

Candido Craveiro

Porto, no trienio de 1903/6, tendo-se demittido por não concordar, em sua consciencia, com a orientação dada a determinada questão, embora procurasse demove-lo do seu proposito o ministro Campos Henriques, seu amigo pessoal.

Em 1900, foi como delegado portuguez com outro *homem-bom* do Porto, o Sr. Antonio Alves Calem Junior, á Exposição Internacional de Paris, onde se desempenhou brilhantemente do seu cargo, e de tal modo se houve nessa ocasião que o

Governo Francez agraciou-o com a cruz da Legião de Honra, a ordem francesa creada por Bonaparte, em 1802, para recompensar os altos serviços militares e civis. Fez parte, por diversas vezes, do corpo directivo da Associação Commercial do Porto, tendo representado esta Camara de Comercio em varios congressos realizados nas principaes capitães da Europa, procurando sempre honrar o nome portuguez como verdadeiro patriota que é.

E eis aqui em traços largos o que tem

sido a vida deste portuguez illustre, deste comerciante moderno que inteligentemente cooperou na creação dum grande monumento comercial, a que um brilhante escritor portuguez chamou, em momento feliz, o Palacio do Vinho.

Creemos que poderá dizer como o poeta Horacio numa das suas odes — *Exegi monumentum aere perennius* — que vertido quer dizer:

Ergui um monumento mais perduravel do que o bronze!

CONSULTAS JURIDICAS DE COMERCIO

Esta secção foi fundada e é mantida por especial obsequio do Ex.^{mo} Sr. Dr. Abeilard Teixeira para com «A Voz do Comercio». Podem recorrer a ela todos os assinantes deste Quinzenario que não estejam em debito.

Só se admitem consultas sobre assuntos comerciais; todas serão gratuitas.

Consulta n.º 2

A' sociedade por cotas A... foram feitas, entre outras, as seguintes alterações, que constam da respectiva escriptura:

«1.ª Com a nova denominação de Sociedade Commercial de Louças, Lda. e apenas entre os seus três actuais socios, continua tendo a sua existencia juridica a sociedade por cotas constituída sob a denominação de Empreza Commercial e Industrial, Lda.

2.ª O capital social passa a ser de 90.000\$00 dividido em três cotas iguais, pertencendo uma a cada socio, achando-se todo realisado e representado pelos valores que constituem o activo social».

Antes de serem feitas estas modificações a firma alterada havia reduzido o seu capital de 120.000\$00 para 90.000\$00 tendo, na data da modificação, o seguinte activo e passivo:

ACTIVO		PASSIVO	
Caixa	2.150\$10	Capital	90.000\$00
Móveis e Utensilios	4.900\$00	Fundo de Reserva	5.325\$50
Mercadorias	72.850\$00	Credores	15.962\$50
Letras a Receber	6.952\$00	A., c/ particular	10.130\$00
Banco X	22.300\$00	B., c/ particular	10.130\$00
Devedores	32.525\$90	C., c/ particular	10.130\$00
	<u>141.678\$00</u>		<u>141.678\$00</u>

PERGUNTO:—1.º Serão necessarios novos livros selados e auxiliares?

2.º Que lançamentos será preciso fazer? P. O.

Resposta :

I—Visto não ter havido dissolução de sociedade, antes continuar a sociedade existente embora com uma nova denominação, a escripta deve continuar nos mesmos livros.

II—Como o capital primitivo já tinha sido reduzido anteriormente á última escriptura, ao actual quantitativo, nenhum lançamento ha a fazer referente a aquele, salvo se, as quotas dos socios eram de quantitativo diverso do que consta da última escriptura.

Abeilard Teixeira

Consulta n.º 3

Ex.^{mo} Sr. Director de «A Voz do Comercio»

Peço por favor me autorize as seguintes consultas juridicas, na respectiva secção do nosso jornal.

1.º Será admissivel o emprego de quaisquer abreviaturas comerciais nos livros selados, como se usa na correspondencia comercial?

2.º Sou guarda-livros d'uma sociedade por quotas, cuja escriptura social determina que se proceda a balanço em 30 de Junho de cada ano.

Há dias, disseram-me que uma lei recente obriga todas as firmas a dar balanço em 31 de Dezembro.

Será verdade? Se é, então terá de se dar dois balanços, um em Dezembro e outro em Junho, ou a aquele supre este?

Antonio Rodrigues

Resposta :

I—Nada ha, na lei, que obste ao emprego de abreviaturas na escripta, desde que aquelas não prejudiquem a clareza dos lançamentos.

II—O Decreto lei n.º 16.731 (reforma tributaria) determina no art. 137.º que «O ano social das sociedades comerciais coincidirá sempre com o ano civil, sendo obrigatório para todas o encerramento das contas com referencia a 31 de Dezembro de cada ano.

—§ único. Fica reduzido a três mezes o prazo fixado no § único do Codigo Commercial para aprovação do balanço e relatório do conselho fiscal».

Art. 138 As sociedades cujo ano social termine pelos actuais estatutos em data diferente da estabelecida no corpo do artigo anterior poderão prorrogar até 31 de Dezembro o exercicio que terminou dentro do corrente ano civil (1929), referindo-se as contas neste caso a todo o periodo decorrido desde o último encerramento.

Em face, pois, das disposições transcritas verifica-se não ser necessario proceder a dois balanços.

Abeilard Teixeira

DO DIREITO FISCAL PORTUGUÊS

TERMINOLOGIA da LEGISLAÇÃO TRIBUTARIA

a) Dificuldades da nossa terminologia

O atraso da terminologia tributária é lamentavel e o pouco que ha vive num estado absolutamente anarquico.

O único estudo que dela se fez, entre nós, e incluso no n.º 2.247 do ano 56.º da «Revista de Legislação e Jurisprudencia», é da autoria do nosso prof. sr. dr. Oliveira Salazar.

Porém este valioso trabalho tem por objecto não a terminologia tributária portuguesa no seu conjunto, mas apenas a análise do alcance das expressões: *contribuições devidas, dividas de contribuições e contribuições vencidas*.

Do introito desse estudo transcrevemos o que se

segue e que evidenciará a razão de ser das grandes dificuldades da nossa terminologia tributaria.

«A variedade dos termos empregados e a multiplicitade das acepções em que o mesmo termo por vezes se emprega, não só tornam difficil a interpretação da disposição da lei, como se reflectem nos próprios conceitos a exprimir é por essa razão no progresso deste ramo de direito.

Pelo que respeita á nossa legislação fiscal, em tantos pontos inferior a congéneres legislações estrangeiras, pode dizer-se tambem que não é sem defeitos a terminologia empregada, se é que não repugna á própria noção de terminologia que aos mesmos termos se dêem significados diversos e se exprimam as

QUESTÕES JURIDICAS

Julgados improcedentes os embargos á falência, deve ser condenada nas custas a massa falida, e não o falido.

Ac. da Rel. do Porto—de 8 de Maio de 1929 em ag. com. da 1.ª vara do Trib. do Com. do Porto. Agravante, Manuel da Silva Roseta; agravados, José da Mata Gota e outro.

Acordam em conferência na Rel.:

Este agravo foi interposto no requerimento transcrito a fl. dêstes autos, do final da sentença de fl., quanto á condenação em custas e do despacho que o declarou constante de fl.

E' recurso competente e foi interposto em tempo, cumprindo, pois, tomar-se conhecimento dêle.

E porisso:

Considerando que aquela sentença, julgando improcedentes e não provados os embargos deduzidos pelos ora agravados José da Mata Gota e Miguel Arcaño da Silva, á falência, que lhes foi declarada, e na parte agravado, condenado nas respectivas custas, não os referidos embargantes, mas sim a massa falida, decidiu de harmonia com o disposto nos artt. 24 e 25 do Cod. do Processo Com. (vide respectivo

Comentario de Barbosa de Magalhães ao cit. Cód. vol. 7.º, pág. 247, e vol. 2.º, pág. 383); pois, considerando que se trata de um processo de falência, em que esta já foi declarada, e em que, portanto, não é aplicável, como se afirma na minuta de fl.º o art. 104 do Cód. do Proc. Civ., mas sim a disposição especial do cit. art. 255 do Cód. do Proc. Com., assim como se não trata, como tambem ali se diz, de preparo, mas sim de custas, o que é bem diferente (vide *Rev. de Legi.*, vol. 42 pág. 277);

Por tais razões e fundamentos, negam provimento ao agravo, confirmando, pois, os referidos despachos agravados, com custas pelo agravante.

Porto, 8 de Maio de 1929—Costa Brandão—Abilio de Andrade—Costa Santos.

NOTA—Decidiu o Ac. em conformidade com as disposições legais applicáveis e com a prática seguida nos tribunais.

Gazeta da Relação de Lisboa

n.º 3, de 1 de Junho de 1929

mesmas situações jurídicas com termos diferentes.

Demanda por isso grande trabalho e muitas possibilidades de êrro construir sobre as nossas leis o sistema juridico dos impostos portuguezes, e não se sabe o tempo que levaria a acreditar-se suficientemente para que o legislador a trasladasse para os diplomas legais, a técnica adotada. Nem que não fosse senão por estes motivos, o que durante anos se escrever nesta orientação difficilmente poderá ir, além de ensaios, mais ou menos felizes».

Duma maneira geral, podemos dizer que as causas originarias dessas dificuldades se reduzem a dois grupos:

1.ª a pobreza de linguagem.— Isto é, não temos termos técnicos para exprimir todas as expressões relativas aos impostos;

2.ª a imprecisão—Quere dizer—ora se encontra o mesmo termo applicado a varias noções, ora a mesma noção expressa por termos varios. Ora se a terminologia é a expressão da sciencia, á medida que que esta evoluciona e prospera, implicitamente aquela se desenvolve para substituir os termos de uso corrente.

Sendo o direito fiscal um ramo de direito pouco versado no nosso paiz, não são de estranhar, pois, a pobreza e a imprecisão da sua linguagem, da qual a seguir fazemos uma análise tão rigorosa quanto possível.

b) Termos empregados.

1.º *Imposto, contribuição, tributo.*—Imposto.

Os termos *impuesto, contribuição e tributo* são de emprego sinonimico em a nossa legislação fiscal. Os dois primeiros são de uso frequente, o que não sucede porém, ao ultimo—*tributo*. Este encontra-se ainda, uma ou outra vez, mas pode-se dizer que caiu em desuso.

2.º *Tributar.*—Se o termo *tributo* é raramente

empregado na moderna legislação tributaria, outro tanto não succede ao verbo *tributar*, que frequentemente é usado, designando: *lançar imposto sobre...*

3.º *Contribuição e décima.*—Se em o numero 1 desta alinea se disse que o termo *contribuição* é sinónimo de *impuesto*, não vá julgar-se que isso é absolutamente rigoroso. Não. De facto, *contribuição* de um modo geral e na linguagem vulgar, designa *impuesto*. Assim é frequente ouvir esta expressão: *o povo não pode pagar mais contribuições*. Mas o significado técnico deste vocábulo, tão sómente se refere a certos impostos, que tradicionalmente teem aquela designação como por ex.: *contribuição predial, industrial, de registro*.

Porem, a tendencia recente é no sentido de pôr de lado este termo e substitui-lo por *impuesto*, como se vê da Lei 1368. E já o legislador tem ultimamente usado os termos: *impuesto predial, industrial, etc...* em vez da tradicional terminologia.

Décima.—Na moderna legislação tambem este termo deixa de ser empregado. Entretanto, devemos advertir que ainda ha pouco tempo ele era usado na expressão: *décima de juros*, imposto que se pagava desde o século XVII e cujo lançamento, como o seu nome indica, se fazia assim: dez por cento sobre os rendimentos.

Pela Lei 1368, de 22 de Setembro de 1622, alterou-se o regimen deste imposto e o proprio nome.

O art. 35 da citada Lei chama-lhe «Imposto sobre a applicação de capitais», porém a taxa é a mesma: 10 por cento (art. 36.º). Na legislação vigente não se emprega portanto, o termo *décima*.

(Continua)

Antonio Batoque

A theoria sem a pratica é inutil, do mesmo modo que a pratica sem a theoria é inconvenientissima porque conduz á rotina — a maior inimiga da perfeição.

Carlos de Carvalho.
(Contabilista brasileiro)

MONOGRAFIA

CONTABILIDADE BANCARIA

Banco Mercantil e Industrial de São Paulo

(Continuação)

REGISTO DE ACCIONITAS

HARRIS BANK

17.

Data			Livro de transferencias		Acções de Frs. 500					Valor realizado		OBSERVAÇÕES	
					Adquiridas	Vendas	Saldo que possui	Caucionadas	Resgatadas	Possue livres	0/0		Frs.
1899	Janeiro	2			3000		3000			3000	50	750 000 00	

DUPRAT & COMP.

18

Data			Livro de transferencias		Acções de Frs. 500					Valor realizado		OBSERVAÇÕES	
					Adquiridas	Vendas	Saldo que possui	Caucionadas	Resgatadas	Possue livres	0/0		Frs.
1899	Janeiro	2			1000		1000			1000	50	250.000 00	

DEVE

CAIXA

1899	Ja n.	5	Depositos para Avaliações Recebido de Placido Martins para avaliação dos bens que offerece em garantia hypothecaria	300000		1899	Jan.	10	Saldo para 11	30.857\$360
		10	Depositos em C/ Corrente, S. Paulo De Joaquim Alves Prestações Antecipadas 1.ª prestação de Placido Martins	24.762\$900					/	30.857\$360
		11	Saldo de 10	30.857\$360						
		11	Depositos em C/ Corrente, S. Paulo Diogo Pinto Descontos Dos T D/ S P 1/3 Depositos para Avaliações F. G. para avaliação dos bens que offerece em garantia hypothecaria	4.800\$000	27\$500				11 Apolices Por sete averbadas em nome deste Banco e selo de transferencia	6.027\$300
		12	Saldo de 11	25.707\$560					Titulos Descontados em S. Paulo Pelos T D/ S P 1/3 Saldo para para 12	4.250\$000 10.277\$300 25.707\$560 35.984\$860

(Continua)

Horacio Berlínk.

ABERTURA DE ESCRITURAÇÃO DE DIVERSAS FIRMAS

Razão Numerico

Continuação

Porto, 31 de Julho de 1929

MERCADORIAS		COMISSÕES	LETRAS A PAGAR		LETRAS A RECEBER		DEVEDORES E CREDORES		MERCADORIAS		MOVEIS E UTENSILIOS	CAIXA		DESPEZAS GERAIS			
299.872\$80	126.854\$50 3 100\$20 12.831\$— 1.640\$—	1.551\$95	10.000\$—	10.000\$— 42.000\$— 15.970\$80	2.400\$— 2.000\$— 7.050\$— 9.000\$— 5.000\$— 8.100\$—	2.000\$— 2.400\$—	14.500\$— 14.620\$— 10.100\$— 470\$— 9.504\$30 10.000\$— 10.000\$— 7.100\$—	67.100\$— 40.342\$— 45.970\$80 2.000\$— 2.400\$— 118.580\$— 14.620\$—	67.100\$— 40.342\$— 45.970\$80 4.860\$— 14.620\$— 118.580\$— 10.100\$— 10.340\$— 12.680\$—	1.900\$— 14.500\$— 6.908\$— 14.620\$— 10.100\$— 2.015\$— 9.504\$30	12.610\$— 2.740\$—	1.900\$— 850\$— 6.908\$— 12.610\$— 2.000\$— 1.000\$— 2.015\$— 110\$— 3.105\$80 4.860\$— 2.740\$— 3.663\$— 470\$—	850\$— 1.000\$— 110\$— 2.500\$—				
							66.294\$30 23.760\$— 750\$— 42.000\$— 27.193\$— 3.845\$90 1.551\$95	291.012\$80 2.000\$— 7.050\$— 2.400\$— 27.193\$— 9 00 \$— 5.000\$—		59.547\$30 3.105\$80 3.663\$— 23.760\$— 1.690\$60 2.500\$55 2.380\$— 2.000\$— 1.875\$20 13 850\$30		34.211\$80 22.640\$— 2.400\$— 10.340\$— 1.690\$60 7.100\$— 2.500\$55 750\$— 2.380\$— 3.845\$90 2.000\$— 10.340\$— 1.875\$20 10.000\$— 10.000\$—					
							165.395\$15 10.000\$— 13.850\$30 7.800\$— 7.800\$— 15.970\$80 1 893\$10 12.831\$—	343.655\$80 1.513\$20 3.100\$— 12.680\$—		108.117\$55 2.380\$— 7.800\$— 1.875\$20 2.007\$80 2.780\$55 2.007\$80 2.780\$55 1.893\$40		47.058\$15 1.513\$20 2.007\$80 2.780\$55 2.780\$55 3.100\$20 2.400\$— 1.640\$—	64.675\$90 2 500\$—				
299.872\$80	144.425\$70	—\$—	1.551\$95	10.000\$—	67.970\$80	28.550\$—	4.400\$—	227.740\$65	360.949\$—	299.872\$80	126.854\$50	15.350\$—	—\$—	60.499\$90	67.175\$90	4.460\$—	—\$—

RECOPILAÇÃO

Mercadorias	299.872\$80	114.425\$70
Comissões		1 551\$95
Letras a Pagar	10.000\$—	67 970\$80
Letras a Receber	28.550\$—	4.400\$—
Devedores e Credores	227.740\$65	360 949\$—
Moveis e Utensilios	15 350\$—	
Caixa	60 499\$90	67 175\$90
Despesas Gerais	4 460\$—	
	646.473\$35	646.473\$35

Diario Sintético, 1/2

O simbolo 1/2 significa: pagina 1, lançamento n.º 2.

DIARIO SINTEITICO Pôrto, 1 de Julho de 1929

Caixa	1	80.000\$—	
Capital			80.000\$—
Meu capital			80.000\$—
— 31 —			
Diversos a Diversos	2		
Lançamento das operações realizadas este mês :			
Mercadorias		299.872\$80	144.425\$70
Comissões			1.551\$95
Letras a Pagar		10 000\$—	67.970\$80
Letras a Receber		28.550\$—	4 400\$—
Devedores e Credores		227.740\$65	360.949\$—
Moveis e Utensilios		15.350\$—	
Caixa		60.499\$90	67 175\$90
Despesas Gerais		4 460\$—	
		726.473\$35	726.473\$35

CONTINUA

ANTONIO MARTINS DA FONSECA.

A CONTABILISAÇÃO DE ALGUNS ACTOS DE COMERCIO

Devemos contabilisar a Caução, o aceite por intervenção, ou os contractos de mercadorias a entregar n'um certo prazo?

Devemos, porque os livros do comerciante devem dar a conhecer, facil, clara e precisamente as suas operações comerciais, e, servindo o Diario para nele se registarem dia a dia cada um dos actos que modifiquem ou posam vir a modificar a fortuna do comerciante, (actos de comercio são os contractos e obrigações dos comerciantes que não forem de natureza exclusivamente civil), a não contabilisação destes actos, alem de tirar uma grande exactidão á escrita do comerciante, faria com que o balanço não apresentasse um *passivo real* e o seu valor poderia vir a ser aumentado pela importancia das cauções e avais que não tivessem sido registados, alterando assim, completamente, a situação dos credores.

E' certo, que muitos guarda-livros não contabilisam estas operações, alguns por julgarem que não devam ser contabilisadas, outros, ou por que sejam adeptos da lei do menor esforço, ou porque... No entanto, tal contabilisação é importante, já pela lei assim o exigir, já por dar ao Balanço uma grande sinceridade e exactidão.

Alem disso, a contabilisação destas operações é alem de facil, interessante como toda a contabilidade.

Caução

Na caução, a entidade que cauciona, obriga-se a pagar a importancia da caução, no caso de esta ser exigida e o caucionado a não pegar.

Quando do caucionamento, a pessoa que se responsabilise pelo cumprimento do contracto, deverá lançar nos seus livros:

Devedores por caução a Cauções

F.

em que figurará como devedor o caucionado.

Quando o contracto termine, o dador da caução limitar-se-ha a anular o lançamento feito na altura do caucionamento.

No caso da caução ser exigida e o caucionado a não pagar, a sua importancia, é, por este facto, exigida ao que o caucionou, e, assim, este lançará:

Devidores e Credores à Caixa

F.

pelo pagamento da caução, e anulará o lançamento primeiramente feito.

Aval

Com o aval, garante o dador de aval a letra firmada pelo sacador ou endossante e o sacado, e como no caso da letra não ser paga por qualquer destes intervenientes a sua importancia lhe será exigida, deverá a entidade que avaliar uma letra, produzir nos seus livros o lançamento:

Devedores por Avais a Avais

F.

no vencimento da letra, se o pagamento for feito sem a sua intervenção, deverá anular o lançamento acima.

Dado o caso de ter o dador de pagar a letra, lançará:

Devedores e Credores à Caixa

F.

pelo pagamento da importancia da letra, e anulará o 1.º lançamento, feito quando da firmação do aval.

(Continua)

A. Prista Thiago.

ENSINO TECNICO

A Escola Comercial Oliveira Martins. O que lá se aprende. Um curso que interessa a todos os empregados no comercio

A Escola Comercial de «Oliveira Martins». O que lá se aprende. Um curso que interessa a todos os empregados no Comercio.

* * *

Quando fiz a minha matricula na Escola Comercial «Oliveira Martins» no ano escolar de 1924-25 era eu um modestissimo empregado de farmacia, com aspirações é certo, mas sem probabilidades de ascender ao respectivo curso, devido ás dificuldades e exigencias do mesmo. Optando pelo comércio, a ele me venho dedicando, fazendo a minha iniciação naquela Escola; seguindo com entusiasmo, até, as diversas fases do curso que conclui quasi brilhantemente.

E' um curso elementar, é certo, mas que muito honra quem o consegue obter, pelo que vale de ensinamentos colhidos, graças à vastidão do seu programa. Dizer o que é e quanto vale uma escola daquela natureza, para o desenvolvimento duma cidade, cujo movimento comercial aumenta, de dia para dia, não é tarefa facil, para um articulista, tam falho de recursos como eu, que ora inicia a sua carreira como tal. O meu desejo é sómente torná-la conhecida e recommenda-la a todos quantos se destinam á actividade

do comércio, demais que o seu curso, entre outras regalias, dá acesso immediato ao Instituto Industrial e Commercial do Porto, do qual sou modesto aluno.

Quanto se aprende naquela escola, de valioso, na vida prática! Só quem, como eu, se tem visto investido de certos cargos, saberá dar o verdadeiro valor ao que, para muitos, não passa de grandes maçadas, como são considerados algumas cadeiras e disciplinas do curso. Pois, se de facto algumas há que não sejam duma utilidade prática immediata, nem porisso deixam de, mais tarde ou mais cedo, ter a sua applicação. E é porisso que eu só tenho que enaltecer a escola e honrar-me por ter feito lá os meus preparatórios que muito e muito me honram.

Tem o curso a duração de quatro anos onde se ministram profundos conhecimentos de português, francês e inglês, aritmetica comercial e geometria elementar, geografia comercial e vias de transporte e comunicações, as tres grafias, tendo ainda especial atenção o estudo de direito comercial e economia politica, história geral e pátria, sciencias naturais e físico-quimicas, elementos de tecnologia e mercadorias, etc.

Pelo que se depreende desta resenha, um curso

QUESTÕES PRATICAS DE CONTABILIDADE

CASAS COM SUCURSAIS

(Continuação)

Diario da Casa Central

Recebe-se a demonstração da conta de *Lucros e Perdas* de Santos, figurando no debito 3.300\$00 e no credito 5.900\$00. A de Campinas tem no debito 2.900\$00 e no credito 2.200\$00.

Como os debitos das contas de *Lucros e Perdas* das sucursais são debitos da conta de *Lucros e Perdas* da central e como os creditos das mesmas constituem credito desta ultima, fazem-se os seguintes lançamentos:

Dezembro 31

Diversas a Lucros e Perdas

Lucros apresentados pelas nossas Sucursais;

Sucursal de Santos

Segundo sua demonstração. 5.900\$00

Sucursal de Campinas

Idem como acima . . . 2.200\$00 8.100\$00

Lucros e Perdas a Diversos

Despezas e prejuizos de n/ Sucursais:

a Sucursal de Santos

Segundo sua demonstração 3.300\$00

a Sucursal de Campinas

Idem como acima . . . 2.900\$00 6.200\$00

Estes ultimos lançamentos podiam ser feitos por outro modo. Podiam lançar-se, apenas, os lucros liquidos de Santos e o prejuizo verificado de Campinas, assim:

Dezembro 31

Sucursal de Santos a Lucros e Perdas

Lucro demonstrado em suas contas, como segue:

Lucros demonstrados . . . 5.900\$00
Despezas . . . 3.300\$00
Lucro liquido . . . 2.600\$00

onde estes conhecimentos são ministrados, é algo valioso e muito pode contribuir para o desenvolvimento do comercio local.

Muito conviria que todos aqueles que se destinam á actividade comercial, e que tantos são, mesmo aqueles que tam reduzidos conhecimentos literarios possuem, se matriculassem na Escola «Oliveira Martins» que muito lhes interessaria, só lucrando com isso assim como todas as casas onde os seus serviços forem prestados.

Lucros e Perdas a Sucursal de Campinas

Prejuizo demonstrado em suas contas, como segue:

Despezas 2.900\$00
Lucros demonstrados . . . 2.200\$00
Prejuizo verificado 700\$00

E' preferivel a primeira forma, incontestavelmente mais clara.

No RAZÃO

Sucursal de Santos

DEBITO		CREDITO	
A Diversos	39.500\$00	De Mercadorias	
» Mercadorias		Gerais	6.000\$00
Gerais	25.000\$00	De Caixa	15.000\$00
A Sucursal de		» Sucursal de	
Campinas	2.500\$00	Campinas	5.000\$00
A C/Correntes	3.000\$00	De Lucros e	
» Lucros e		Perdas	3.000\$00
Perdas	5.900\$00	Saldo	46.600\$00
	75.900\$00		75.900\$00
Saldo	46.600\$00		

Sucursal de Campinas

DEBITO		CREDITO	
A Diversos	28.200\$00	De Caixa	10.000\$00
» Mercadorias		» Sucursal de	
Gerais	4.000\$00	Santos	2.500\$00
A Sucursal de		De C/Correntes	5.500\$00
Santos	5.000\$00	» Lucros e	
A C/Correntes	2.400\$00	Perdas	2.900\$00
» Lucros e		Saldo	20.900\$00
Perdas	2.200\$00		41.800\$00
	41.800\$00		41.800\$00
Saldo	20.900\$00		

(Continua)

Carlos de Carvalho

Infelizmente não é para as escolas que incide a atenção do nosso caixeirato. As sessões de box, de cinema, cafés, etc. continuam a atrai-los como moscas, num desprezo absoluto do futuro que não preveem.

Se um dia fosse decretado a obrigatoriedade dum curso para cada cargo a exercer na actividade comercial, não sei como se haviam de arranjar tantos milhares de individuos que mal sabem ler e escrever.

Ferreira de Almeida

PROBLEMAS

Esta secção é destinada a problemas de escrituração e aritmetica comercial para os leitores que os queiram apresentar ou resolver.

N.º 3. Alberto Ferreira e Mario Matias constituíram-se em sociedade em nome colectivo, com o capital de 80.000\$00, que subscreveram em partes eguaes, sendo ambas realizadas integralmente em numerario, na ocasião da assinatura do contrato social, pelo socio Mario Matias; ficando, portanto, o socio Alberto Ferreira a dever aquele a sua parte, com a obrigação de lhe pagar juros de $9\frac{1}{2}\%$ e de liquidar o debito com os lucros que lhe couberem.

Anos depois tiveram necessidade de apresentar a escrituração; mas, como ela não estivesse nas devidas condições, nem tivessem guarda-livros, chamaram um, o qual verificou haver o seguinte:

ACTIVO

Caixa	2.158\$90
Mercadorias	5.856\$00
Moveis e Utensilios	70.737\$50
Gastos de Instalação	23.347\$95
Devedores	281\$40
Renda adeantada	3.580\$00
Alberto Ferreira, seu capital em debito	32.996\$85
	144.958\$60

PASSIVO

Letras a Pagar	1.032\$60
Credores	4.645\$00
Mario Matias, c/ lucros	8.025\$60
Capital	80.000\$00
	93.703\$20

Que tem ele a fazer para que a escrituração fique devidamente organizada?

Silvio

N.º 4. Estou comprador de 20.000 kg. de determinada mercadoria, pelo que me foram feitas as seguintes ofertas:

Frs. 5.45 por kg; pagamento a 30 dias, com 3% de desconto.

Frs. 5.55 por kg; pagamento a 90 dias, com 5% de desconto.

Taxa de Juro: 7% ano comercial; isto é, de 360 dias.

¿Qual das ofertas é mais vantajosa?

Silvio

SOLUÇÕES

Solução do problema n.º 2

PROBLEMA

Um comerciante deseja vender com o lucro de $5\frac{1}{2}\%$ uma mercadoria que lhe custou 9.000\$00, concedendo o bonus de $\frac{1}{2}\%$.

¿Porque preço a hade vender calculando a percentagem de lucro sobre o custo?

¿E se a calcular sobre a venda?

Resposta á 1ª pergunta

Para bem se determinar o preço pedido, deve-se: 1.º estabelecer a importancia do custo com o lucro, a qual se obtem pela seguinte proporção:

$$\begin{array}{r} \text{Custo } 100 \quad \text{---} \quad 105,5 \text{ custo e lucros} \\ \text{» } 9.000\$00 \quad \text{---} \quad \text{X} \end{array}$$

$$X = \frac{900000 \times 105,5}{100} = 9.495\$00$$

2.º estabelece-se a importancia de venda com o bonus, e como este incide sobre esta importancia, pois é dela que hade ser extraido, é tambem sobre ela que tem de ser calculado; portanto: a cada 100 de venda temos de tirar $0,5 (\frac{1}{2})$ ficando, pois. $99,5 - 100 - 0,5 = 99,5 -$

Por conseguinte:

$$\begin{array}{r} 99,5 \text{ tem de ser vendidos por } 100 \\ 9.49500 \quad \text{---} \quad \text{X} \end{array}$$

$$X = \frac{949500 \times 100}{99,5} = 9.54271$$

949500000	995
5400	954271
4250	
2700	
7100	
1350	
355	

Quando o resto da divisão é menor que metade do divisor, toma-se o quociente por defeito; quando é maior, toma-se por excesso.

Ora, como 355 é menor que metade de 995,

$$-\frac{995}{2} = 497 -$$

tomemos 9.542,70 para preço definitivo de venda.

Tambem se pode operar assim:

9.495\$00	9.495\$00
$\frac{1}{2}\%$ de 9.495\$00	47\$47
$\frac{1}{2}\%$ de 47\$47	2\$23
	9.542\$70

e assim sucessivamente as vezes quepode ser

9.495\$00
0,5
4.747,500
0,5
2373,750

Verificação

Extraindo-se a 9.542,70 o bonus de $\frac{1}{2}\%$, fica: 9.495\$00.

Vejamos:

$$\frac{9.542,870 \times 0,5}{100} = 47,870$$

$$\begin{array}{r} 9.542,870 \\ \underline{0,5} \\ 47,871,350 \end{array}$$

Como não ha um centavo, deve-se entregar 47,870.
Logo:

$$9.542,870 - 47,870 = 4.495,000$$

$$\begin{array}{r} 9.542,870 \\ \underline{47,870} \\ 4.495,000 \end{array}$$

Chega-se ao mesmo resultado por este outro seguinte modo:

Por cada 100 de venda, fica 99,5

Por 9.542,870 ficará X

$$X = \frac{9.542,870 \times 99,5}{100} = 9.495,000$$

$$\begin{array}{r} 9542,870 \\ \underline{99,5} \\ 4771,35 \\ 85884,3 \\ \underline{35884,3} \\ 9.494,898,650 \end{array}$$

Como não ha 8 centavos e como os 9.542,870 foram tomados por defeito, devemos arredondar para mais os 9.494,898, ou seja para 9.495,000.

Resposta á 2.ª pergunta

Podemos fazer o calculo de dois modos:

1.º

$$100 - 5,5 = 94,5$$

$$\begin{array}{r} 94,5 \\ 9.000,000 \times \\ \hline X \end{array}$$

$$X = \frac{900000 \times 100}{94,5}$$

$$\begin{array}{r} 900000000 \\ \underline{4950} \\ 2250 \\ \underline{3600} \\ 7650 \\ \underline{0900} \end{array} \quad \begin{array}{r} 945 \\ \hline 952380 \end{array}$$

Como 900 é maior que metade do divisor, tome-se o quociente por excesso, 9.523,885

$$100 - 0,5 = 99,5$$

$$\begin{array}{r} 99,5 \\ 9.523,885 \times \\ \hline X \end{array}$$

$$X = \frac{9523,885 \times 100}{99,5} = 9.571,875$$

$$\begin{array}{r} 952385000 \\ \underline{5688} \\ 7135 \\ \underline{1700} \\ 7050 \\ \underline{0850} \end{array} \quad \begin{array}{r} 995 \\ \hline 957170 \text{ ou } 9.571,875 \end{array}$$

Verificação

$$\frac{9.571,875 \times 0,5}{100} = 47,885$$

$$\begin{array}{r} 9.571,875 \\ \underline{0,5} \\ 47,885,875 \end{array}$$

$$9.571,875 - 47,885 = 9.523,990$$

$$\frac{9.523,990 = 5,5}{100} = 523,885$$

$$\begin{array}{r} 9.523,990 \\ \underline{5,5} \\ 47619,5 \\ \underline{47619,5} \\ 523,881,450 \end{array}$$

Pode e deve arredondar-se para:

$$523,885$$

2.º $9.523,990 - 523,885 = 9.000,105$

Como a percentagem de lucro, 5 1/2 %, e o bonus, 1/2 %, incidem sobre a venda, pode somar-se aquelas taxas e, portanto, operar com a taxa total, que é 6.

$$5,5 + 0,5 = 6$$

Assim:

$$100 - 6 = 94$$

$$\begin{array}{r} 94 \\ 900000 \times \\ \hline X \end{array}$$

$$X = \frac{900000 \times 100}{94} = 9.574,450$$

$$\begin{array}{r} 900000000 \\ \underline{540} \\ 700 \\ \underline{420} \\ 440 \\ \underline{640} \\ 76 \end{array} \quad \begin{array}{r} 94 \\ \hline 957446 \end{array}$$

Verificação

$$\frac{9.574,450 \times 0,5}{100} = 47,885$$

$$\begin{array}{r} 9.574,450 \\ \underline{0,5} \\ 47,887,250 \end{array}$$

DA CONTA EM PARTICIPAÇÃO

O nosso Código Commercial — J. III — art. 224.º a 229.º refere-se á conta Participação que se dá «quando o commerciante interessa uma ou mais pessoas ou sociedades nos seus ganhos e perdas, trabalhando um, alguns ou todos, em seu nome individual somente» (art. 224.º). E' pois uma forma de associação sem individualidade jurídica para com terceiros, saída de uma convenção ordinariamente secreta entre os seus componentes.

Dado o caracter particular da associação, ella «não tem firma, ou denominação social, patrimonio colectivo e domicilio» (art. 226.º), nem está sujeita ás formalidades exigidas para as outras especies de sociedades. Quando a participação se dá «entre um commerciante ou outra pessoa não commerciante não pode esta celebrar as transacções».

Esta forma de associação momentanea, tem em vista a divisão dos lucros resultantes das operações feitas pelos participantes, com o commercio de certos e determinados artigos.

Segundo o art. 223.º do nosso código a participação regula-se alem das disposições, insertas no Código Commercial «pelas convenções das partes».

A participação ainda muito usada no commercio de vinhos, trigos e outros, é muito conhecida sob a designação de: «Fazendas em sociedade», «operação de c/a 1/2», mercadorias de c/a 1/2 com...., vinhos de c/a 1/2 com...., etc.

Nestas ultimas o quebrado indica a quantidade de participantes.

Na participação, as convenções podem ser multiphas, mas todas terão o mesmo fim, que é pôr em comum para todos os associados, os lucros ou os prejuizos.

Os gastos da empresa incluindo a compra da mercadoria, fretes, etc., podem ser feitos por um dos participantes ou por todos em conjunto, ou ainda, umas despesas feitas por um participante, outras por outro, etc.

Enfim, a operação é efectuada segundo as combinações previas feitas entre os participantes. Na generalidade estas operações são feitas entre dois participantes domiciliados em localidades diferentes.

Um encarrega-se de fazer a compra da mercadoria e despesas com fretes, etc., o outro as restantes despesas de descarga, carretos e venda de mercadorias. Os lucros são depois divididos em partes iguais.

Como em todos os contractos, é preciso fazer a historia deste, tambem, e assim, a contabilidade desta especie de sociedade momentanea é geralmente feita por cada um dos participantes.

Para isso os varios associados communicarão entre si as operações que cada um vai efectuando por conta comum. Cada participante abrirá em seus livros uma conta á participação e uma conta a cada associado. A conta da participação será movimentada por todas as operações efectuadas e a ella respeitantes, a conta de cada associado, pela operação realisada por esse associado.

Suponhamos que, Antunes, no Cartaxo e Reis, em Cantanhede, resolvem comprar e vender de c/a 1/2, 50:000\$00 de aguardente e 20:000\$00 de vinho da Bairrada. Os lucros a meias e uma comissão de 1/2% sobre as vendas de cada participante.

As operações haviam sido realisadas pela ordem seguinte:

Em 1 de Novembro — Antunes comprou 50:000\$00 de aguardente a Ferreira & C.ª, a 30 d/. c/ letra.

em 4, pagou de despesas, c/ fretes e transportes e outros, Esc. 2:500\$00.

em 10, Reis vende a aguardente a Pinho, L.da, por 40:000\$00 a dinheiro e com letra 28:000\$00; pagou de varias despesas referentes a esta aguardente 640\$00.

em 11, Reis comprou a dinheiro vinho da região em que está estabelecido, no valor de Esc. 20:000\$00, que remeteu a Antunes, pagando de despesas de transporte, etc., 840\$00.

em 18, Antunes avisa ter vendido a dinheiro vinho no valor de 8:900\$00 e contra aceite de Freitas, L.da, de Lisboa, Esc. 18:500\$00; varias despesas que pagou 320\$00.

(Continua)

A. Prista Thiago.

$$\frac{9.574\text{,}50 \times 5.5}{100} = 526\text{,}560$$

$$\begin{array}{r} 9.574\text{,}50 \\ \quad 5.5 \\ \hline 478725 \\ 478725 \\ \hline 526\text{,}59,750 \end{array}$$

A percentagem de lucro e o bonus foram calculados, pela soma das respectivas taxas, sobre a venda; logo, é sobre esta que se tem de achar.

Bonus	47885
Lucro	529560
Soma	574545
Importe da venda	9.574550
Bonus e lucro a extrair	574545
Custo	9.000805

Nota-se o seguinte:

- 1.º De qualquer modo que se efectue o calculo, dá de bonus: 47885
- 2.º Efectuando-se o calculo pelo 1.º processo, pode-se vender mais barato 2875

$$9.574\text{,}50 - 9.571\text{,}625 = 2\text{,}875$$

Se for efectuado pelo 2.º, ganha-se mais 2875.

$$526\text{,}560 - 523\text{,}685 = 2\text{,}875.$$

Convem, pois, efectuar o calculo dos dois modos, para se saber quanto justamente pode pedir-se, e até quanto se pode baixar.

Dois mercaderias concorrentes, calculando um pelo 1.º modo e não sabendo o outro calcular senão pelo 2.º, podia aquele vender mais barato que este e consequentemente fazer mais negocio e assim ganhar mais.

A. M. F.

SECCÃO LITERARIA, ARTISTICA, MORAL E SCIENTIFICA

ORAÇÃO A PORTUGAL

(Continuação)

Bendito *D. João III*, a cujo mando
se foi a terra do Brazil colonizando;

Martins Afonso (1), mais o audaz *Coelho Pereira* (2),
Tomé de Sousa (3) e *Men de Sá* (4) e a aventureira

grei lusitana, propagando sempre bem
o sangue português pelo Brasil além;

tempos de glória em que *Lisboa* era o mais forte
pôrto do mundo, e a leste e a oeste e ao sul e ao norte,

o pavilhão das quinas mágico dizia
às estrelas e ao sol e a Deus, com galhardia,

e à terra e à planta e ao rio claro e ao vento insano
e à fera bruta e à ave altívola e ao Oceano

(azul como a amargura, inquieto como a vida,
branco como o Ideal)—um nome, de vencida,

um nome de aventura, um nome festival:
—*Portugal! Portugal! Portugal! Portugal!*

«*Leão-do-mar*», Portugal,
meu canteiro sacrosanto,
com *saudade*, riso e pranto,
com um *fado* em cada canto
e uma audácia triunfal;
marujo alegre e bonito,
bemdito sejam, bemdito,
desde a Terra ao Infinito,
meu valente Portugal!

(Continua)

Marques da Silva.

(1) *Martins Afonso de Souza* fundou em 1532 o 1.º núcleo colonial do Brasil, em *S. Vicente*, e, a 9 léguas para o interior, *Piratininga* (hoje *S. Paulo*).

(2) *Duarte Coelho Pereira* foi o donatário da capitania de Pernambuco (1534), a que mais prosperou, devido ao seu espirito de bom administrador e ao facto de casar portugueses com indias, o que evitou o ataque dos indigenas.

(3) *Tomé de Sousa* foi o 1.º governador geral do Brasil, fundando a cidade de *S. Salvador* ou *Baia* em 1549.

(4) Foi o 3.º governador do Brasil. Seu sobrinho *Estácio de Sá* fundou o *Rio de Janeiro* em 1566.

EXCERTO DE SAMUEL SMILES

E' ao esforço fisico e intelectual das sucessivas gerações que a terra deve o ser o que hoje é. Trabalhadores pacientes e perseverantes de toda a ordem e de todas as condições,—cultivadores do solo e perfuradores de minas, inventores e exploradores, operarios e manufatureiros, obreiros e poetas, politicos e filosofos, todos contribuíram para esse resultado, e vindo como vieram com os seus contemporaneos edificar os alicerces lançados pelos que os precederam, conseguiram elevar a edificação de conjunto ao estado de grandeza em que hoje a vemos.

Graças a esta sucessão constante de esforçados trabalhadores, verdadeiros pioneiros da civilização, a ordem saiu enfim do caos, assim na industria como na sciencia e na arte.

A geração actual é a herdeira do grande e belo dominio que por assim dizer creou a habilidade e o engenho de toda uma raça, dominio que nos foi deixado para que o cultivassemos por nossa vez e os transmitissemos aos nossos sucessores não somente intacto mas engrandecido e embelezado.

Entre os grandes frabalhadores do passado sempre se notaram, elevando-se muito acima da multidão, uma falange de homens que incomparavelmente superiores aos outros, foram alvo das homenagens do genero humano.

Mas o nosso constante progresso é tambem devido a muitos homens que por serem menos celebres e menos conhecidos, não tiveram menor quinhão de merito, e não devemos esquecer que muito embora a

historia não guarde mais que os nomes dos generas¹ postos em evidencia pelas grandes batalhas, não é menos verdade que em grande parte as retumbantes vitorias se devem ao valor individual e ao heroismo dos simples soldados.

Quantos homens houve cuja vida jámais foi escrita e que não obstante influíram sobre a civilização e progresso tanto como os mais afortunados daqueles cuja biografia perpetuou os nomes!

Luiz Leitão

Negar a Deus é efectivamente uma cegueira e uma loucura.

Victor Hugo

A escola da familia é a primeira e mais eficaz de todas as escolas. Sem ela pouco ou nada se póde fazer na formação moral do homem.

A fé muda de objecto, mas não morre nunca. Nem poderia morrer, porque a necessidade de crêr constitue um elemento psicologico tão irreductivel como o prazer ou a dôr.

NOTAS DE THEATRO

por GUIDO SEVERO

THEATRO SÁ DA BANDEIRA

Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo

Encontra-se entre nós ha cerca de dois mezes esta Companhia, dirigida pelo illustre actor Alexandre de Azevedo, que para mim é o nosso melhor artista, pelo seu belo talento, comprovado em peças de todo o género, que vem desde a alta comédia no antigo D. Amélia ao lado dos grandes irmãos Rosas e Brazão, até ao Grand Guignol, com Adelina Abranches e sua filha Aura.

É um artista distinto, fino, de gesto sébrio e principalmente muito genérico.

Figura esbelta e elegante, sabe-se caracterisar a preceito, e vestir como um *gentleman*.

Estudando meticolosamente, pois é daqueles raros para quem as palavras «estudar um papel» não significam o mesmo que decorar as palavras que tem de dizer a personagem, mas sim encarnar-se nela, Alexandre de Azevedo, é inquestionavelmente, na actualidade, o artista que melhor nos recorda essa pleiade de eminentes actores que tanto brilharam na scena portugueza, não deixando infelizmente successores, mas apenas saudosas recordações.

Bons tempos, em que havia bom teatro, e os actores não se agatanhavam por causa da distribuição das personagens, não pensando os pobresinhos que não ha pequenos papeis para grandes artistas.

Recordo com profunda saudade e o coração trespassado de sentimento, por me lembrar da minha mocidade que, ai de mim, não voltará mais, a época já distante em que vi no velho teatro Carlos Alberto, Alexandre de Azevedo fazer o Marcial do VOLUNTARIO DE CUBA, belo drama de Joaquim Dicenta, onde encarnava um soldado cheio de coragem e altruismo, que vinha libertar uma pobre rapariga (Zulmira Ramos), das mãos de um primo (Olimpio Mesquita), cinico e perverso.

Todas as noites arrebatava a plateia conquistando sempre grandes ovações do Publico frequentador daquela casa de espectaculos, onde contava as mais radicadas simpatias.

A sua actual Companhia, que apresenta um conjunto muito apreciavel, estreou-se com o PROCESSO DE MARY DUGAN, peça folhetinesca, que na sua estrutura se afasta inteiramente dos moldes classicos em que se tem alicerçado o Teatro.

Foi a peça *masquete* da Companhia, e que maior número de representações obteve, por estar montada com novidade de «encadrement» e filiar-se no género policial.

O gosto do nosso Público está derrancado. Aplauda peças sem ideias, sem these, nem finalidades educativas, e posterga outras, como A AMEAÇA de Pierre Frondaie, que teatralmente se pode considerar um excelente trabalho, pela successão de scenas verdadeiramente empolgantes e técnica segura.

Ester Leão, que não se amolda a todos os papeis, com especial propensão para a tragedia, onde o seu nervosismo encontra o ambiente propicio para se

desdobrar em toda a sua amplitude, tem desempenhado as primeiras personagens femeninas, devendo dizer-se que nem todas estão bem adaptadas ao seu temperamento. Precisa de estudar muito e de não sair fora do seu *emploi*.

Sofia Santos, com muita naturalidade em todas as suas características.

Albertina de Oliveira, a preceito em todos os seus trabalhos, indo esplendidamente na cinica viuva do PROCESSO DE MARY DUGAN.

Deolinda de Souza, tem vontade de acertar e mostra ser muito estudiosa.

Carmen Martins e Aurora Dubini, não desmancham.

Abilio Alves, artista de futuro, progride dia a dia, mas não deve sair fora do seu verdadeiro *emploi*, que é galan dramatico; digo isto porque não gostei nada, de o vêr no *detective* do *Comboio Fantasma*, onde faz um baixo-comico muito pouco natural.

Aquele papel deveria ser interpretado por Alfredo Ruas, que está mais adextrado nesses trabalhos.

Antonio Pinheiro, sapiente homem de teatro, grande ensaiador, tem mostrado a sua competencia na encenação de todas as peças levadas a scena pela companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo.

Alfredo Ruas, simpatico artista, não tem tido trabalhos de grande realce nas peças apresentadas no Sá da Bandeira, onde possa mostrar o seu talento, que é grande.

Unicamente o vi desempenhar com o maior acerto e minucia de pormenores, o Conselheiro, tipo de brasileiro muito caricatural, na comédia *O Outro André*.

Tarquínio Vieira, Pereira Saraiva e Lino Ribeiro, correctos nas suas interpretações.

Esta Companhia tem abordado todos os géneros de teatro, e pena é que o Público não compense o esforço feito pelos seus empresários, frequentando mais os seus espectáculos.

CINEMA AGUIA D'OURO

A época de inverno neste luxuoso salão, ficará memoravel pela passagem dos mais belos *films*, como sejam: *O patriota*, *Os cossacos*, *Ben-Hur*, *A Posse*, *O Az da Velocidade*, etc., que têm satisfeito os mais exigentes apreciadores da *arte do silencio*.

O cinema Aguiá d'Ouro superiormente dirigido pelo sr. Alvaro Pires, cavalheiro que conhece a fundo o seu *métier* e não arreda pé da sua casa de espectaculos, a tudo atendendo e tudo observando, com superior inteligencia e alto tino administrativo, tem oferecido aos cinéfilos horas de raro prazer espirital, o que bem justifica as enchentes successivas que lá se vem registando de ha dois mezes para cá.

A par das boas peluculas, tambem devemos atender á boa musica, ao ambiente de modernismo que se respira neste elegantissimo salão e muito principalmente, á assistencia seleccionada que o frequenta.

V A R I E D A D E S

Um livro de comercio do seculo XIV

Por M. Paul Mezer foi ha tempos encontrado em Paris, na encadernação dum velho registo pertencente aos arquivos de Forcalquier, um fragmento composto de dez folhas duplas em papel, restos de um livro comercial, escriturado por um tal Ugo Teralh, negociante de panos e notario em Forcalquier.

Todas essas operações, escrituradas por ordem cronologica, nesse documento, são datadas dos anos de 1330 a 1332.

As contas dos irmãos Bonis, negociantes estabelecidos em Montabau, e que foram publicadas nos ultimos tempos, são posteriores alguns anos.

Todas as menções desses documentos são redigidas em provençal; apenas alguns pequenos artigos são escritos em latim ou hebreu.

O Cheque

Os paizes que hoje fazem uso do cheque em suas multiplas transacções, devem às praticas inglezas a sua instituição. Porem, a honra da invenção deste notavel documento, é disputada á Inglaterra pela Belgica, por que o cheque é a assignação em uso, em Anvers, desde tempos imemoriais, sob o nome flamengo de "bevijs."

O famoso Sir Thomaz Gresham, que se dirigiu a esta cidade em 1557, para estudar este modo de pagamento, foi, talvez, quem o introduziu no seu paiz.

Dunning Macleod dá o texto de alguns cheques ou «cash notes» (notas á vista) dos quais a data mais antiga remonta a 1682, encontrada a no Templo Bar, nos arquivos da casa Child & Comp., quando se construíam as Camaras reais da Justiça.

O mesmo autor conclue, deste facto que, na epoca da constituição do monopolio do Banco da Inglaterra, os banqueiros emitiam, simultaneamente, notas do banco e cheques.

O cheque serve, para efectuar pagamentos e transferir, para a conta do credor, a importância da divida que o signatario do cheque tem para com aquele e tambem para compensar.

Como meio de pagamento o cheque é comparavel á nota do banco.

As letras dos alfabetos

O numero de letras no alfabeto é diverso, conforme as diversas linguas.

O portuguez, o inglés e o alemão, têm 26 letras; o francez 25; o hespanhol, o arabe e o turco, 28; o italiano, 20; o russo, 36; o grego, 24; o latim e o hebreu, 22; o celta, 17; o persa, 31; e o sanscrito, 44.

A invenção da tinta

Ignora-se quem descobriu a tinta ordinaria de escrever, que já era conhecida na mais remota antiguidade.

Plínio, na sua *Historia Natural*, já indica de um modo preciso a reacção da noz de galha e dos saes de ferro.

Os holandezes atribuem a Lourenço Costa natural de Harlem, a invenção da tinta de imprensa. A tinta da China, importada na Europa desde tempos remotos é preparada com decoctos de diversas plantas, *cola e negro de fumo*.

A borra de vinho tambem era empregada na pintura pelos povos antigos. Era tambem muito usado na antiguidade uma tinta feita com *negro de fumo*, diluido em dissolução aquosa de goma. Igualmente, eram empregadas varias tintas coradas, preparadas por diferentes modos.

As letras grandes nos titulos dos livros eram feitas com tinta vermelha, em que entrava o vermelhão, ou algum liquido contendo infusão de cedro. O sangue de certos peixes, tambem era aplicado no fabrico das tintas. Os imperadores e reis usavam uma tinta purpurea, e só eles a podiam empregar.

Era fabricada com conchas pulverisadas e sangue de um molusco conhecido pelo nome de purpura.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

IMUNIZAÇÃO ATIFICIAL

**O MAIS
EFICAZ**

33

**O MAIS
RECENTE**

ESPECIFICO PARA AS AFECÇÕES PULMONARES

CAIXA DE 6 EMP.

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

LISBOA—Rua Nova do Almada, 69

PORTO—Rua dos Clerigos, 36

GRANDE COLÉGIO DA BOAVISTA

(FUNDADO HA 66 ANOS)

PARA O SEXO MASCULINO

Internato, Semi-Internato, Externato — CURSOS: Primário, Liceal (completo) e Comercial, Música, Dança, etc.

RUA DA BOAVISTA, 112 TELEFONE, 4068

FILIAL

VILA REAL

COLEGIO NOSSA SENHORA DA BOAVISTA

Palacete das Virtudes

FILIAL

S. JOÃO DA MADEIRA

Colegio Castilho

(Foi inaugurado em 11 de Outubro)

ESPECTACULOS E DIVERSÕES

Teatro S. João

Companhia ALVES DA CUNHA

O maior tragico português de que faz parte a distinta actriz BERTA DE BIVAR

Teatro Sá da Bandeira

Telefone, 2595

EMPRESA ANTONIO CASTRO

**Companhia ESTER LEÃO—
ALEXANDRE DE AZEVEDO**

— EXCELENTE REPORTORIO —
MAGNIFICO CONJUNTO ARTISTICO

Jardim Passos Manuel

Telefone, 1034

Esplendoroso Music-Hall. O melhor recinto de diversões do País. Luxuoso Salão de Festas.

CINEMA E VARIEDADES

FITAS ESCOLHIDAS

Orquestra Jazz sob a direcção do grande artista FERNANDO CARRIEDO

Salão Jardim da Trindade

Telefone, 4412

Rendez-Vouz da sociedade elegante portuense

Soirées Chics

Orquestra Jazz sob a direcção do distinto violinista Efsio Anedda

FILMS ESCOLHIDOS

PROGRAMAS VARIADOS

Olympia

Telefone, 532

Maquina de projecção SAXONIA com um foco duma nitidez perfectissima.

Neste salão são apresentadas sempre as melhores "super-produções," Orquestra de concerto primorosa composta de nove professores sob a direcção do insigne violinista LAMY REIS

Aguia d'Ouro

Telefone, 2619

O cinema mais luxuoso do Porto

PROGRAMAS PARAMOUNT

Neste salão dotado de todos os confortos modernos são passadas as fitas de maior renome mundial

MATINÉES ELEGANTES

Concertos pela excelente orquestra composta de 13 professores sob a direcção do maestro HOBACIO BORGES

Odeon «Cine-Teatro»

Empresa A. da Silva Marta—Telefone, 4858

R. Pnto Bessa (angulo da rua Nova da Lomba)

A mais moderna casa de espectaculos do Porto

Sempre fitas novas

VARIEDADES

Orquestra-Jazz executando os mais selectos programas

Novo. Salão High-Life

Telefone, 1407

Praça da Batalha

O cinema mais popular do Pôrto

Peliculas sensacionais

PROGRAMAS ESCOLHIDOS

Orquestra-Jazz dirigida pelo professor Antonio Carvalho

Palacio de Cristal

O cinema mais barato do Porto

na NAVE CENTRAL e no GIL VICENTE

às terças, quintas e domingos

Chás dansantes

uo «dancing» do Restanrant

JANTARES CONCERTOS

todos os dias ás 19 horas

VISITEM O AVIARIO